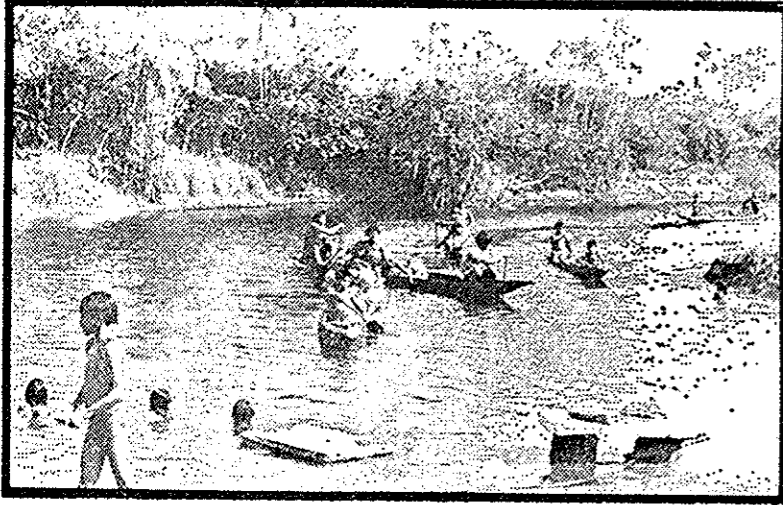


QUARUP

30-17.10.74

O ENCONTRO

DOS ÍNDIOS COM A VIDA



Índios chegam ao Parque do Xingu para a festa

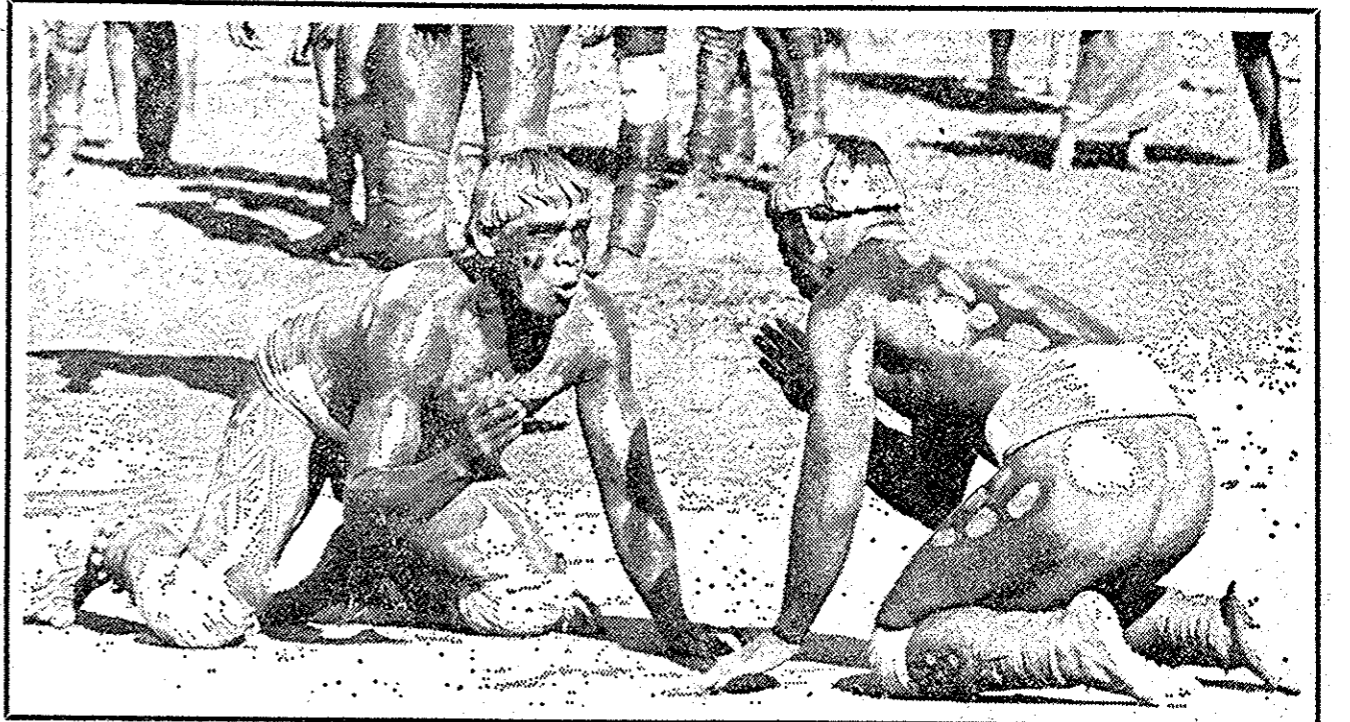
EDILSON MARTINS □ fotos de JOSÉ CARLOS BRASIL □ Enviados Especiais



A pesca obrigatória dos convidados para alimentar os anfitriões



A dança de abertura da celebração



A luta ritual com os corpos pintados para o encontro

PARQUE Nacional do Xingu — um grito, apenas um grito, na madrugada da planície xinguaná. Logo depois duas nações indígenas — kamaiurá e iaulapiti — invadiam o pátio do Posto Leonardo Vilas Boas cantando aos seus heróis. Iniciava-se o *quarup*, cerimônia sócio-religiosa das 10 tribos do Parque Nacional do Xingu, uma das poucas áreas onde o índio mantém viva sua dignidade. Longe de um sentimento de inferioridade, ele se orgulha dessa condição, ciente talvez de que o seu cotidiano é todo feito de plenitude e espontaneidade, sentimento muitas vezes perdido na sociedade civilizada que muitos teimam em lhe impor.

A cerimônia desta vez ganhou em importância, na medida em que marcou a despedida dos irmãos Vilas Boas, ao mesmo tempo em que impôs um elemento da cultura indígena à nossa civilização. O sanitarista Noel Nutels e o ex-Prefeito de São Paulo, Brigadeiro Faria Lima, foram os dois principais caraibas — civilizados — num grupo de cinco, que tiveram suas memórias reverenciadas pelas 10 nações, já que foram grandes amigos dos índios do Parque. Da mesma forma que a missa, por ocasião do descobrimento, foi levada às tribos existentes no Brasil, o *quarup*, a reverenciar cinco personalidades brancas, marca um novo elo de interação, sonhada e perseguida duramente por Rondón, pelos irmãos Vilas Boas e outros que lutaram e lutam pelo respeito ao índio, sua cultura e integridade.

A RAZÃO

PELA primeira vez a cerimônia do *quarup* deixa de se realizar numa aldeia, para tomar lugar no pátio da sede do Posto Leonardo. Como os reverenciados foram cinco civilizados, os índios propuseram que a cerimônia não se fizesse na aldeia. Os promotores da festa, foram as tribos kamaiurá e iaulapiti, e participaram dela os índios kuikuro, kalapalo, waurá, matipu, meinaco, trumai e aueli. Os txicao não participaram porque, pertencentes a um outro grupo linguístico, não cultivam esta tradição. Três dias antes os preparativos tiveram início, com o envio de pária — mensageiros — às tribos convidadas. As tribos promotoras realizaram grandes pescarias, apanhando quase uma tonelada de matrinxã, tucunaré e pacu, que serviriam para alimentar as nações convidadas.

Durante esses três dias de antecipação as águas dos rios Tatuari e Kuluene, altamente piscosas, foram reviradas por redes, e flechadas. Quase uma tonelada de farinha de mandioca também foi recolhida. O índio do Xingu, forte, musculoso, saudável, alimenta-se basicamente de farinha de mandioca, e só uma vez por semana recorre ao peixe. E isto surpreende e deixa sem explicação a própria ciência alimentar, que vê muito pouco valor nessa farinha. O sertanista Cláudio Vilas Boas deixou o Posto Diauarum, distante quase um dia do Posto Leonardo e veio participar do *quarup*, já que todas as tribos reclamavam sua presença. Sua chegada no Posto Leonardo, no primeiro dia do *quarup*, já anoteando, foi um acontecimento recebido com muita alegria pelos índios da área. Recebido com ternura e carinho, todos os principais capitães das nações foram cumprimentá-lo. Abraços demorados se sucediam, Cláudio comovido, afirmava: "Como resistir a tanta sensibilidade? O *quarup* é também um acontecimento mítico, mas acima de tudo estético. O índio não tem uma consciência filosófica da festa, e nem precisa ter. Ele simplesmente vive o acontecimento, em toda sua pureza e magnitude".

A noite, quando os refletores dos fotógrafos e cinegrafistas iluminavam o pátio, com uma aparelhagem altamente sofisticada, um índio iaulapiti afirmava para seus irmãos com certa doçura: "Se caraíba desse esse aparelho seria muito bom para pescar no rio Tatuari. Mas caraíba tem mão de anta e não dá nada para índio". Tacumam, grande capitão e pajé kamaiurá, tribo promotora, pediu desculpas ao Orlando Vilas Boas, diretor do Parque do Xingu, por não poder participar da fase social — lutas e danças — do *quarup*. Uma criança da aldeia havia morrido há pouco tempo, e "nós estamos muito tristes, Orlando. Não fica com raiva". Orlando abraçou-o de memoradamente, conforme costuma fazer com os índios, e disse que participava, juntamente com Cláudio, Sidney Possuelo e Amaury Belloquim, funcionários da Funai, de toda a dor da aldeia.

Os índios matipu chegaram ao Posto Leonardo a pé, margeando o rio Tatuari. Por onde passavam iam queimando o terreno. E' que nesta época ainda seca do ano, há um capim, espécie de sapé, que corta facilmente pernas, braços e todo o corpo, quase imperceptivelmente. Eles então tocam fogo, a fim de que no retorno estejam protegidos dos golpes desse mato, verdadeira navalha na planície da região. Quando lhes perguntamos por que atevam fogo, prontamente responderam que não foram eles. "Foi Aldeia Kuikuro. Índio kuikuro é que fez isso. Não sabe se comportar". Transferiram assim aos kuikuros alguma coisa que eles sabiam errado para os caraibas. Se incendiar é errado, que respondam pelo erro os kuikuros, seus seculares desafetos.

Mesmo assim o clima existente nas tribos do Xingu é de cordialidade. Muitas tribos foram rivais durante séculos, e guardam ainda na memória da aldeia muitas dessas lutas. Mas se respeitam, e o *quarup* é uma ocasião que se presta, quase sempre, para que essa secular hostilidade se esvazie de forma positiva. Há luta física, corporal, durante a cerimônia, mas tudo termina amável e cordialmente. O vencedor quase sempre pede desculpas por ter vencido e o derrotado abraça o contendor com ternura e afeto. Quem assiste à cerimônia do *quarup* invariavelmente não deixa de modificar muitos pontos-de-vista sobre o problema da integração. E' um acontecimento místico, que repousa nos heróis culturais da aldeia, que reverencia seus mortos de grande linhagem, que se volta para *movotanim*. Nisso tudo não há adoração. Há uma relação com um mundo real e um mundo transcendental.

A PROFUNDIDADE

DURANTE o último *quarup* dos índios kalapalos, que durou oito dias, e que se reveste de muito mais ritual e grandiosidade, já que não homenageou brancos, houve uma grande roda de pajelância. Quase uma dezena deles formou um círculo e começou fumando seus grossos e cheirosos cigarros de folhas. Fumavam e cantavam. Num dado momento entraram numa espécie de transcendência, e como em transe começaram a falar com os peixes. São diálogos ternos, cordiais. Falam durante longo tempo, e muitas visões antecipam acontecimentos na aldeia. Daí a importância do pajé, o respeito que goza de seus irmãos. Ele goza de respeito, assim como os grandes capitães, mas não tem autoridade sobre ninguém. Ninguém manda em ninguém numa aldeia. Assim como os pais não batem em seus filhos, assim como não há posse coletiva dos bens de produção, nem competição, nem domínio de um índio sobre outro índio. As nações indígenas, quando ainda não integradas, manifestam um equi-

librio, um ajustamento, e respondem integralmente ao problema do indivíduo numa sociedade.

Nenhuma cultura pode viver fora de seus padrões fundamentais. Qualquer sociedade, por mais simples ou complexa, não pode transpor os limites de seus valores culturais. E nesta constatação reside todo o problema da integração, que é muito mais violento que a aculturação, já que aquela substitui valores, sufoca costumes, adultera comportamentos. A aculturação, que é inevitável, por outro lado, é mais gradativa, oferece alternativas de comportamento, quando não enriquece as culturas postas em confronto. A integração é uma imposição de uma determinada maneira de viver, e como tal quase sempre é daninha. A integração, afirma Orlando Vilas Boas, faz apagar na memória da nação seus valores fundamentais, passa uma esponja na consciência que mantém viva uma unidade de todo um povo. A aculturação absorve valores de outra cultura, pode-se enriquecer nesse confronto, se houver sabedoria nessa interação.

A presidência da Funai está hoje nas mãos de um General, Ismarth de Araújo, que tem dado provas constantes de bom senso, equilíbrio e serenidade. O que nem sempre tem acontecido em relação ao índio, objeto quase sempre de curiosidade, quando não de mofa, insensibilidade e desrespeito. Há opinião unânime de que o Estatuto do Índio analisa o índio sob um ponto-de-vista de civilizado. E aí reside sua contradição fundamental.

O mundo hoje, acentua Cláudio Vilas-Boas, grita por liberdade, em seus quatro cantos. O índio, perante a ONU, faz parte das minorias raciais. Ele, portanto, não pode ficar alheio a todo esse processo. Ele precisa, que se dê a ele, já agora, e num futuro não remoto, a opção de aculturação. Alguém deve estar certo, e não é possível que sejamos somente nós. Não há dúvida de que vamos à Lua, dispomos de bomba atômica, e outras armas mortíferas. O índio continua, quando não integrado, preso à flecha. E' frágil, dócil, pleno, tranquilo. Desde quando não somos mais assim? Por que então integrá-lo? Oferecer-lhe nossa insatisfação e infelicidade?

Tudo o que ocorre numa aldeia está ligado ao mundo sobrenatural da tribo. O pajé, por exemplo, é um elo de ligação entre esse mundo real e o mundo místico. A integração que lhe propomos nem sempre pautá por boas intenções. Elimina essa relação, quando não procede do desejo de uma mão-de-obra gratuita — do índio — quase escrava, ou mesmo busca terras ricas ocupadas pelos silvícolas. Os índios caiabis tiveram que deixar o Teles Pires, no Pará, fugindo da escravidão de seringalistas e seringueiros. Os txucarramães já estão em luta contra os posseiros da BR-080, que corta a faixa Norte do Parque do Xingu. Os jurunas há 300 anos foram expulsos do Baixo Xingu.

Não são poucos os etnólogos, antropólogos e sertanistas que vêem o índio como um problema sem solução. O que em parte é verdade. Cláudio e Orlando vão deixar o Parque do Xingu. "Não vamos abandonar o índio. Queremos apenas sair de um plano regional para um mais nacional. Depois quem passa quase uma vida inteira assim, não pode abandonar uma causa que virou mania, teimosia, e até burrice para muitos".

Um gordo, sarcástico, e irreverente, e o outro magro, sério, filósofo para muitos, se despedem este ano do Xingu. Baixos, um gordo e outro magro, parecem até mesmo os personagens de Cervantes, tamanha tem sido a luta de ambos, feitas muitas vezes de amargura, incompreensão, e não poucas derrotas. Na verdade, na humildade dos dois existe a responsabilidade pela experiência mais bem sucedida, talvez do mundo, de respeito a uma cultura indígena.